

O médico de todas as famílias

» PALOMA OLIVETO

Poucos o conhecem pessoalmente, mas é possível dizer que, no Brasil, o doutor Drauzio Varella é o médico de quase todas as famílias. Afinal, o cancerologista de 67 anos, um dos pioneiros no tratamento da Aids no país, está na mídia há pelo menos duas décadas, quando começou a dar orientações sobre o vírus HIV em rádios de São Paulo. Autor de livros que viraram best sellers, como Carandiru, no qual retrata as mazelas do presídio onde trabalhou na década de 1980, Varella também teve um quadro fixo no programa Fantástico, da TV Globo, que o popularizou ainda mais.

A participação do médico na revista eletrônica terminou, mas ele não deixou de se comunicar com a população. Criou um site, o www.drauziovarella.com.br, no qual escreve artigos e entrevista colegas da área sobre doenças e atividades preventivas. O

portal, que recebeu 600 mil acessos no ano passado em apenas um mês, está mais incrementado agora. Com uma plataforma multimídia, incorporou os serviços de TV e rádio online. Ontem, em entrevista coletiva transmitida pela internet para divulgar o novo site, o médico afirmou que um dos objetivos é oferecer informação de qualidade para leigos.

Além de falar sobre a novidade, Drauzio Varella comentou, durante a entrevista, diversos assuntos relacionados à saúde, do envelhecimento ao controle de natalidade. Ele lembrou que os brasileiros não devem se deixar levar por boatos sobre possíveis riscos da vacina contra o H1N1, alertou que não existe no país um controle eficaz de epidemias e criticou a falta de acesso às políticas de contracepção por parte da população carente: “O conjunto de fatores que leva à falta de planejamento familiar é uma violência absurda que a sociedade brasileira comete”.

que as pessoas têm de morrer de dengue. Eu já disse isso mais de uma vez: não é vergonha existir dengue no Brasil, a vergonha é morrer gente de dengue no Brasil. Tem certas epidemias que vamos enfrentar e conviver com elas, então precisamos de uma estrutura que permita combatê-las.

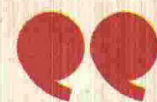
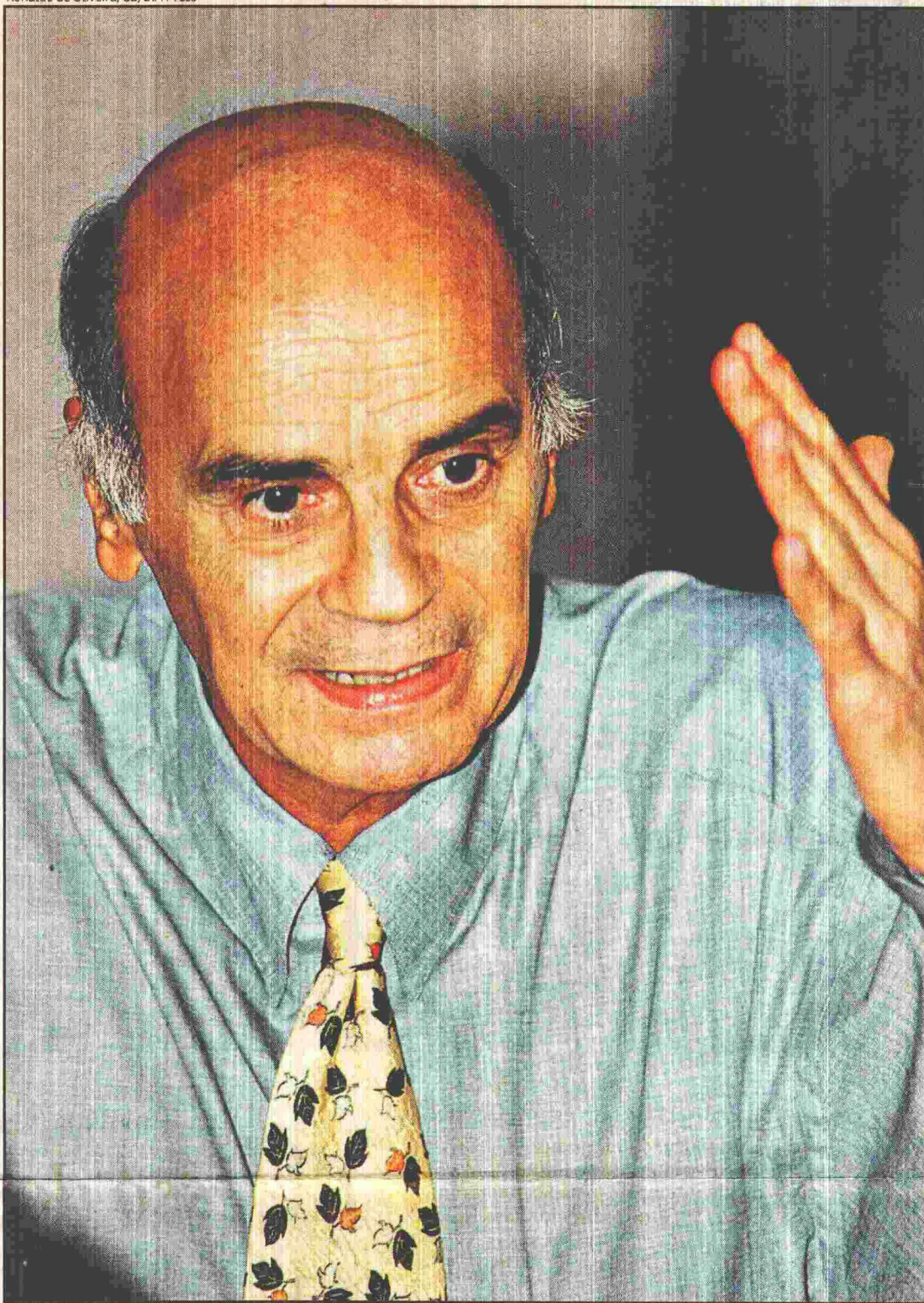
Saúde na mídia

Nós, médicos, criamos um canal de comunicação com a sociedade, que muitas outras profissões não conseguiram criar. Você não encontra no Brasil uma pessoa que não saiba que fumar faz mal. Todo mundo tem uma ideia do que é o colesterol, nós sabemos que a obesidade não é uma coisa boa; temos, enfim, um esclarecimento razoável da população brasileira. Temos proporcionalmente um número inferior de fumantes no Brasil em comparação aos Estados Unidos, mesmo com todas as coisas que eles fizeram (para coibir o tabagismo). Houve uma grande mudança no comportamento em função do trabalho de divulgação que foi feito. Se você compara isso com outras profissões, podemos dizer que a medicina avançou mais depressa. Por exemplo, se eu perguntar quais são os grandes problemas da engenharia ou da arquitetura no Brasil, ou mesmo do ensino, poucas pessoas saberão dizer. Então, nesse sentido, a medicina conseguiu fazer um trabalho melhor. Está longe do ideal ainda, há um caminho grande para ser percorrido, e acho que esse caminho vai ser pelos meios de comunicação de massa.

Qualidade de vida

Quando se fala em qualidade de vida, é aquilo que todas as pessoas querem: ter tempo para lazer, ficar com a família, tomar um chopinho... Infelizmente, o mundo moderno cai em cima de nós, temos inúmeros papéis para desempenhar. Antigamente, era mais fácil porque a mulher ficava em casa e era responsável por todos os problemas do lar; os homens trabalhavam fora e eram responsáveis por trazer o dinheiro. Não estou dizendo que isso era bom, mas era assim, e as pessoas tinham os papéis muito definidos. Hoje temos vários papéis, e para as mulheres é pior. Elas ainda são responsáveis pela casa, pelos filhos, e ainda trabalham e têm que competir com os homens. Esse tipo de pressão cria problemas, é difícil ter de acordar às cinco e meia da manhã, ter de alimentar os filhos, levar para escola, passar o dia inteiro no trabalho, buscar as crianças, organizar a vida doméstica... Não é fácil. Mas a gente tem de pensar que o corpo humano é uma máquina, que precisa ser cuidado. E esses cuidados implicam basicamente atividade física, alimentação saudável e tentar se ver livre dessa pressão que chamamos de estresse. E, além disso, outras medidas óbvias: não dá para fumar, beber exageradamente, usar drogas... O problema nosso é que o mundo moderno nos joga na cadeira o tempo inteiro, passamos o dia inteiro sentado. Pagamos um preço alto por isso. A vida sedentária

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



Eu tomei a vacina, receita para meus pacientes, para minha família... É uma gripe importante, que pode trazer alguns problemas sérios, e que está associada a uma mortalidade que não é exagerada, mas é expressiva. Morrer de gripe é uma coisa muito humilhante”

faz muito mal para o corpo. Temos de encontrar no dia a dia um jeito de praticar atividade física. Se você não tem tempo de ir à academia e ficar uma hora fazendo exercícios, tente incorporar a atividade no dia a dia: sobe escada, anda, no fim do dia você vai somar esses exercícios que, às vezes, são mais importantes do que ficar o dia inteiro na academia.

Jovens e Aids

Tivemos em relação à Aids três fases. Na primeira, era considerada uma ‘peste gay’, só pegava em homossexual. Infelizmente, pagamos um preço alto, muitas mulheres e usuários de drogas injetáveis se infectaram porque achavam que não havia riscos. Depois passamos para uma fase de conscientização da sociedade, com campanhas, com o medo de pegar uma doença incurável, que significava a morte depois de um ano de sofrimento. Aí passamos para a fase dos remédios com alta eficácia, o chamado coquetel, e a Aids parou de ser uma doença mortal a curto prazo. Mas a doença não tem cura, ela tem tratamento. As gerações mais novas que não viram o começo da Aids e não sentiram o impacto daquelas pessoas cadavéricas, com problemas gravíssimos de saúde, hoje se descuidam muito. As populações onde a Aids mais crescem são as mulheres com mais de 50 anos e os mais jovens; especialmente, os homossexuais mais jovens. Os homossexuais mais velhos, que estiveram no epicentro da epidemia, são mais cuidadosos. Os mais jovens têm uma atitude mais irresponsável em relação à transmissão do HIV.

Envelhecimento

O envelhecimento é inevitável, não há como deixar de envelhecer. Aliás, a alternativa para não envelhecer é horrível, é você morrer moço. O que mudou

na medicina moderna é que envelhecimento não é uma condição que leva necessariamente à doença. Quando eu era estudante, você pegava um senhor de 75 anos e ele vinha com uma pressão arterial de 16 por 11. Aí você dizia: ‘Mas é um senhor, para ele está bom’. Hoje, um senhor desse chega com uma pressão e você diz que ele está hipertenso e tem de ser tratado agressivamente porque sabemos que com essa pressão ele pode ter um derrame cerebral, ter um ataque cardíaco... Esse conceito mudou muito. Se você toma as precauções consegue empurrar as doenças para mais tarde na velhice. Uma hora, nós vamos ficar doentes e morrer mesmo. Mas isso não deve acontecer a partir dos 45, 50 anos, como era no passado. No passado, uma mulher de 40 anos era uma senhora, considerada de idade. Hoje, uma pessoa de 50 anos está em plena atividade, não é considerada velha, de jeito nenhum. Hoje, o envelhecimento não é sinônimo de doença. Você encontra homens e mulheres — especialmente mulheres — com mais de 80 anos, e que são pessoas sem nenhum problema de saúde, algumas não tomam nenhum remédio.

Gravidez na adolescência

Informação não falta. Tenho estudado muito esse tema, você pega qualquer menina, de 12, 13 anos, onde quer que ela esteja, ela sabe que a gravidez não acontece por obra do acaso. Então por que ela engravida se for pobre e não engravida se pertencer a uma classe social com mais acesso? Porque se ela tem uma condição familiar melhor, mais estudos, um objetivo na vida, ela sabe que não pode engravidar aos 13, 14 anos. Ela não deixa de ter relações, mas ela vai tomar todas as precauções para não engravidar. Se mesmo com esses cuidados ela engravidar, ela vai fazer um aborto. Porque no Brasil, o aborto é livre para quem tem dinheiro. Pega a outra menina. Ela não tem um ginecologista, não tem acesso à pílula... E ainda temos no Brasil uma das maiores violências contra as mulheres pobres, que é o fato de você negar o acesso à contracepção às classes sociais desfavorecidas. Você pega uma mulher de 30 anos, de classe social alta, que tem dois filhos. Ela não quer mais filhos, então faz uma laqueadura, coloca DIU, tem acesso ao controle da fertilidade. Agora, pega a menina que engravida aos 14 anos. Essa menina sai da escola, compromete seu futuro, e o pior, ela vai engravidar de novo aos 17 anos, aos 19 anos. Que futuro essa menina vai ter dessa maneira? A sociedade brasileira tem de deixar de ser hipócrita dar o direito à anticoncepção às crianças pobres, e fazer campanhas dirigidas às meninas pobres. E não só para as solteiras, porque as casadas também têm a maior dificuldade para conseguir fazer laqueadura nos hospitais públicos. A lei brasileira assegura, mas ela não consegue fazer em lugar nenhum. Ela chega no serviço público e os médicos têm a maior má vontade de atender. O conjunto de fatores que leva a essa falta de planejamento familiar é uma violência absurda que a sociedade brasileira comete.